
Na voz delas: como é a representação das mulheres jornalistas no Globo Esporte - Rio Grande do Sul¹

Vitória LEITZKE²

Marislei da Silveira RIBEIRO³

Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS

Resumo

O presente artigo visa analisar a representação das mulheres jornalistas em um episódio do programa Globo Esporte, edição Rio Grande do Sul, exibido no dia 26 de março de 2018. A exibição, que conta com apresentação de uma mulher, foi escolhida por abordar, em reportagem, um caso de violência verbal sofrido por uma repórter mulher do programa e a divulgação da campanha, da Rede Globo, #DeixaElaTrabalhar, que aborda a questão do machismo no jornalismo esportivo. Por meio de uma análise de conteúdo (BARDIN, 2011), no programa selecionado, o estudo identificou que as apresentadoras não possuem o mesmo tempo de fala do que os homens apresentadores.

Palavras-chave: Mulher; jornalismo esportivo; Globo Esporte; representação feminina; RBS TV.

1. Introdução

Esse artigo tem como finalidade analisar como a mulher jornalista é representada no programa da Rede Globo, Globo Esporte Rio Grande do Sul. No ar, no estado, desde maio de 2009, atualmente o programa conta com uma apresentadora e uma repórter no telejornalismo esportivo gaúcho.

A relevância do trabalho se dá pela pouca participação de mulheres jornalistas no segmento do telejornalismo esportivo. E também, para promover o debate sobre a inserção feminina no campo predominantemente masculino.

História das mulheres no Brasil

Historicamente, segundo Scott (1995), as mulheres sempre tiveram que lutar para conquistar espaço. A voz feminina começou a ser ouvida durante a Revolução Industrial, quando a mulher, que era responsável por ficar em casa cuidando do lar e da família, teve que auxiliar na mão-de-obra na indústria. Tendo um trabalho mais detalhista e cuidadoso comparado aos homens, os produtos saídos das mãos das

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante de Graduação 7º Semestre do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: vitoria.leitzke@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professora Adjunta do Curso de Jornalismo da UFPel, e-mail: marisrib@terra.com.br

mulheres tinham mais destaque, começando assim a valorização da mulher na sociedade. Este fato acabou se repetindo durante a Primeira e Segunda Guerras Mundiais, enquanto os homens iam para os campos de batalhas e as mulheres foram recrutadas para indústria, principalmente bélica.

Entretanto, no Brasil, essa necessidade não foi tão grande, pois não haviam tantas indústrias no país. A economia ainda se concentrava na agricultura, continuando a divisão do homem no campo e a mulher em casa. Às escondidas, muitas mulheres se incomodavam com essa situação e começaram a se unir para ir atrás da mudança. A sororidade⁴ nunca foi algo presente, porém toda mulher que hoje tem o direito de ir e vir, de estudar, tornar-se pesquisadora, votar, poder optar em casar ou não, ter filhos ou não, deveria agradecer a essas mulheres do passado.

A primeira conquista nesse sentido foi em 1926, quando o candidato a governo do Estado do Rio Grande do Norte, Juvenal Lamartine, solicitou ao então governador José Augusto Bezerra a inclusão da emenda que possibilitasse que todos os sexos pudessem votar durante as eleições daquele ano. Lamartine acreditava que todas as pessoas deveriam fazer parte da sua campanha e poder exercer o direito a voto. Foi criado então a lei que dizia: “Art. 17. No Rio Grande do Norte, poderão votar e ser votados, sem distinção de sexos, todos os cidadãos que reunirem as condições exigidas por esta lei.”

Ainda conforme autora citada, em âmbito nacional, foi só em 1934, durante o governo de Getúlio Vargas, que as mulheres tiveram a liberdade de votar no país, sendo concebido o voto para ambos os sexos, maiores de 18 anos. Após a conquista, algumas mulheres no Brasil decidiram-se unir e juntar forças para conseguir mais vitórias, como o direito de frequentar universidades, trabalhar e ter uma remuneração justa, direito de divórcio, etc.

1.1 O feminismo no país

Com a Ditadura Militar instaurada no Brasil desde 1964, dentre os vários grupos com ideais diferentes que se fortaleceram durante o período, o grupo feminista no país começou a ganhar força. Tendo como referência os grupos europeus que já vinham há algumas décadas defendendo a igualdade de gênero, as brasileiras começaram a reivindicar direitos iguais aos homens. Com muita luta e dedicação à causa, aos poucos

⁴ Relação de irmandade, união, afeto ou amizade entre mulheres, assemelhando-se àquela estabelecida entre irmãs. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/sororidade/>>. Acesso 12 dez. 2018

as mulheres começaram a conquistar espaço no ensino superior e em empresas, além de conquistar também o poder de tomar suas próprias escolhas, como estudar fora e se divorciar.

Entretanto, na contemporaneidade permanece classificação de estereótipos em relação às mulheres, incluindo o jornalismo, que conta com a contratação de muitas mulheres em algumas redações apenas pela estética, com rostos bonitos e corpos esbeltos, sem serem valorizadas pelo seu intelecto e conhecimento. (SCOTT, 1995)

1.2 A mulher jornalista no jornalismo esportivo brasileiro

Passados 35 anos do grande marco da mulher jornalista no jornalismo esportivo brasileiro, grandes destaques femininos passaram e permanecem até hoje na área. Alguns deles, como Alice Bastos Neves⁵, Kelly Costa⁶ e Débora Oliveira⁷, fizeram e fazem sua história no programa Globo Esporte, no Rio Grande do Sul. O programa televisivo fala sobre esportes, como futebol, vôlei e automobilismo. Porém, sua maior repercussão é no meio futebolístico, devido a popularidade do esporte no Brasil.

Comparado a outras editorias, como política e economia, o esporte sempre foi visto mais como jornalismo de entretenimento (COELHO, 2003). Até se firmar no mercado no Brasil, na década de 70, o jornalismo esportivo tinha pouco espaço em jornais impressos e telejornais. Apesar de se autodenominar o país do futebol, nem mesmo esta prática tinha destaque. De acordo com o autor, Paulo Vinicius Coelho (2003) conta no livro *Jornalismo Esportivo* a grande dificuldade que jornais diários, semanais e revistas voltadas ao gênero tiveram para conseguirem se manter.

Durante muito tempo foi pensado que o jornalismo esportivo não era notícia e o que acontecia nas quadras e campos não tinha grau de noticiabilidade. Caso a pessoa tivesse interesse em saber o que estava acontecendo, ela poderia acompanhar ela mesma pessoalmente. Entretanto, com muita luta, a editoria de esporte persistiu e hoje tem programas radiofônicos televisivos, cadernos em jornais impressos e espaços em webjornais para noticiar sobre o assunto, mesmo continuando, geralmente, a equipe mais enxuta da redação.

Questionamentos quanto conhecimento esportivo, principalmente futebolístico; estereótipo feminino dando valor desnecessário para físico e aparência; e a habitual

⁵ Disponível em: < <http://coletiva.net/perfil-/alice-bastos-neves-leveza-e-otimismo,280049.jhtml> > Acesso em 11 dez. 2018

⁶ Disponível em: < <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2016/09/conheca-kelly-costa-a-nova-musa-do-esporte-da-rbs-tv-7368178.html> > Acesso em 11 dez. 2018

⁷ Disponível em: < <http://deboradeoliveira.com/sobre-debora-de-oliveira-jornalista/> > Acesso em 11 dez. 2018

prática de mansplaining⁸ - termo criado por Rebecca Solnit (2008) para caracterizar quando uma pessoa do sexo masculino insiste em explicar algo óbvio a uma mulher, normalmente de forma didática e paternalista, como se ela não fosse capaz de entender – durante apresentações e falas femininas em programas esportivos persistem em continuar presentes no jornalismo e, claramente, no jornalismo esportivo.

Pensando nisso, esse trabalho analisou como é dada a presença feminina e a representação da mulher jornalista no programa esportivo diário Globo Esporte, edição estadual do Rio Grande do Sul no episódio exibido no dia 26 de março de 2018. A escolha se dá pela reportagem exibida nele sobre o caso de violência verbal sofrida pela repórter Kelly Costa⁹ e a divulgação da campanha #DeixaElaTrabalhar¹⁰, com objetivo de instigar a possibilidade de desigualdade e preconceito social na área do jornalismo esportivo no programa. Acredito que esse debate de como a mulher é representada no jornalismo esportivo deve ir além da internet e estar presente também na academia, pois a realidade hoje enfrentada por nós mulheres assusta e desencoraja aquelas que pretendem seguir carreira jornalística na área dos esportes.

Assim como quem já está no mercado de trabalho deve mudar seu comportamento e respeitar suas colegas de profissão em qualquer editoria, a academia de jornalismo deve trabalhar na desconstrução da ideia que apenas jornalistas homens devem trabalhar com esportes por entenderem melhor do assunto. A capacidade e o direito de exercer sua profissão em qualquer editoria são igualitários. O gênero jamais deve ser requisito ou exigência para uma contratação ou seleção de trabalho. E ao contratar mulheres, jamais ter como pré-requisito o envio de fotos do corpo junto ao currículo e portfólio, como feito em 2018 pela emissora Fox Sports.

Apesar de ser um tema muito presente no país e uma área muito buscada dentro do jornalismo, a bibliografia sobre o jornalismo esportivo é escassa, tendo alguns trabalhos acadêmicos a partir da década de 90. O principal autor sobre o assunto, Antonio Alcoba (2005), é estrangeiro, sendo necessário um conhecimento, no mínimo básico, de espanhol para compreender.

⁸ Mansplaining: Quando um homem explica algo a uma mulher, e o faz de maneira condescendente porque dá como certo que sabe mais do que ela, podemos falar de mansplaining. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/07/10/cultura/1499708850_128936.html>. Acesso em 12 dez. 2018

⁹ Disponível em: <<https://portal.comunique-se.com.br/reporter-de-afiliada-da-globo-e-ofendida-por-torcedor/>>. Acesso em 03 de maio de 2019

¹⁰ Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/sp/futebol/noticia/deixaelatrabalhar-jornalistas-lancam-manifesto-em-defesa-do-trabalho-das-mulheres-no-esporte.ghtml>>. Acesso em 03 de maio de 2019

No Brasil, nomes como Heródoto Barbeiro (2006) e Paulo Vinicius Coelho (2003) trabalham muito bem a temática de acordo com o cenário nacional, porém abordam mais questões de quem tem interesse em trabalhar na área e não a história do jornalismo esportivo propriamente dita. Ambos abordam pouco a questão da mulher na área, o que faz com que seja necessário pesquisar em materiais que falem sobre a representação feminina na imprensa.

Diante disso, para trabalhar a questão do gênero apresentada, será usado como base Joan Scott (1995), Guedes (1995), Silva (2010). No que se refere ao assuntos da imprensa feminina, será utilizado os pressupostos teóricos de Buitoni (1981) e Renner (2015).

1.3 Gênero

A questão sobre gênero é discutida não só na área do esporte como em toda profissão. E para falar sobre a mulher no jornalismo e no jornalismo esportivo, precisa-se falar sobre gênero, visto que para muitos teóricos o termo é usado como sinônimo para abordar o sexo feminino.

Conforme afirma Butler (2003, p. 20), “gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos. Resulta que se tornou impossível separar das interseções políticas e culturais”. Pode-se dizer que o termo designa a construção social do sexo biológico do ser, com base na cultura da sociedade onde o indivíduo encontra-se. Além disso, pode-se dizer que a significação separa o sexo biológico da construção que o ser humano tem de acordo com o meio em que vive, as pessoas que convive e seus ideais.

Para Guedes (1995) “a definição de Gênero torna-se, assim, complicada, pois além de apresentar vários significados, agrega no seu bojo os sentidos mais amplos ligados a "caracteres convencionalmente estabelecidos"”. A sociedade na qual se vive e o meio de convivência podem ser fatores que influenciam na identidade de gênero do ser.

Segundo Scott (1995), o termo “gênero” tornou-se mais utilizado para trabalhar o feminino sem usar o termo “mulher”. Dessa forma, pode-se perceber uma neutralidade sobre a desigualdade de gênero entre homens e mulheres.

“Gênero” parece se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando-se, assim, da política (supostamente ruidosa) do feminismo. Nessa utilização, o termo “gênero” não implica necessariamente uma tomada de posição sobre a desigualdade ou o

poder, nem tampouco designa a parte lesada (e até hoje invisível). (SCOTT, 1995, p. 75).

Culturalmente, o sexo feminino é fragilizado, pois o gênero é “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder” (SCOTT, 1995, p. 86). Dentro do jornalismo estudos mostram que existem reflexos desta cultura. Como afirma Silva (2010), “a mídia e o jornalismo estão constituídos por gênero e produzem relações de gênero e de poder que resultam em saberes acerca disso”. Analisar o jornalismo pela ótica de gênero é definir essas relações, como foram construídas e entender se há uma desigualdade de gênero dentro do jornalismo esportivo.

1.4 A mulher no jornalismo

De acordo com Rocha (2005, p. 5), na década de 80, as mulheres já preenchiam 36% dos quadros profissionais do país e em dez anos depois, esse número chegava a pouco mais de 40%. Conforme autora citada, dados do Ministério do Trabalho divulgados revelam que 20 anos depois, 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres mostrando uma disposição de uma maioria feminina no mercado de trabalho jornalístico.

De acordo com Ribeiro (1998), em meados da década de 1930, no Brasil:

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servir para fazer o café: circulava na área de serviço. (RIBEIRO, 1998, p. 31).

Segundo Buitoni (1981), as representações da mulher na imprensa estavam divididas em duas maneiras que se destacavam: uma delas representadas por revistas que relacionavam a mulher com sua imagem de mãe-esposa-do lar; e a outra direcionada à conquista de direitos e focada na emancipação feminina. Aos poucos, a mulher foi se inserindo no jornalismo, principalmente após a popularização da televisão no país, com o surgimento de grandes veículos de comunicação, como a Rede Globo, em 1965 e a criação de programas jornalísticos como o Fantástico e Esporte Espetacular, ambos em 1973.

No livro de Coelho (2003), o tópico “A mulher no esporte” tem apenas duas páginas e em todos exemplos de mulheres jornalistas citados, ele sente a necessidade de

reforçar o intelecto dela, enquanto na abordagem sobre jornalistas homens, ele apenas se detém a analisar se a cobertura do profissional é realista ou romântica. No mesmo livro o autor comenta que na época “as redações de esporte do país tinham em torno de 10% de mulheres” (COELHO, 2003, p. 35), realidade que passados 15 anos, ainda não teve mudança, fato que comprova que, apesar do assunto estar em alta com a questão do feminismo, o debate ainda não está sendo o suficiente para mudar o cenário.

Segundo Renner (2015), foi a partir da década de 70 que começa a inserção das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro, como uma forma de romper preconceitos neste setor predominantemente masculino. Com a presença do feminino no jornalismo esportivo, a partir de 1983, com Regiani Ritter¹¹ na Rádio Gazeta, iniciou a desconstrução do jornalismo esportivo exclusivo para jornalistas homens. Foi possível, perante a sociedade da época, uma mulher executar e compreender o trabalho que durante anos foi exclusivo dos homens.

"A grande maioria me recebeu muito bem, mas alguns me olharam com ironia e sarcasmo no início e, com o tempo, com ódio. Ironia e sarcasmo porque eles pensavam: 'Mais uma que vem e passa'. E o ódio porque não passei e fiquei", disse Regiani em entrevista ao site Trivela publicada em 2011.

Por esse viés, a figura da mulher na editoria de esportes tem o intuito de “chamar a atenção” em torno de seus atributos físicos, prevalecendo o critério de que os homens são denominados os principais comentaristas do esporte (RENNER, 2015, p. 54). Outro debate se refere às questões salariais entre homens e mulheres, conforme autora citada, ainda segue sendo pautas de discussões profissionais, devido à desigualdade encontrada.

2. Metodologia

Para analisar o programa, foi utilizado a Análise de Conteúdo, com base na teoria apresentada por Bardin (2011). Segundo a autora citada, “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (BARDIN, 2011, p. 37). Além disso, “aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (BARDIN, 2011, p. 44). Para desenvolvimento da pesquisa, foi analisado um programa, exibido no mês de março, mais precisamente no dia 26, do ano de 2018.

¹¹ Disponível em: < <https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2013/10/07/pioneira-no-esporte-jornalista-lembrapreconceito-e-briga-com-milton-neves/> >. Acesso em 12 dez. 2018

Foi utilizado a videoteca online da Rede Globo, o Globoplay¹², para assistir e analisar o episódio do programa citado. Para observar o tempo de fala, foi cronometrado as falas de homens e de mulheres, excluindo o tempo de vinhetas ou apenas sonorização com trilha. A metodologia a ser aplicada irá incluir pesquisa bibliográfica e método comparativo.

Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é aplicada para pesquisas desenvolvidas em livros e artigos científicos. Este tipo de pesquisa permite ao investigador percorrer diferentes fenômenos que não poderiam ser realizados de forma direta. De acordo com o autor citado, “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”. (GIL, 2008, p. 16).

Analisando o programa citado acima, de duração de fala de 19 minutos e 45 segundos, foi observado que o gênero feminino teve tempo de fala de 8 minutos e 51 segundos, contrastando com o tempo de fala do gênero masculino de 10 minutos e 54 segundos. O programa escolhido, teve como motivo o fato de no final do episódio diário, ter abordado a questão da violência verbal contra a mulher e o machismo, sofridos pela repórter do programa da filial da Rede Globo, Kelly Costa.

De acordo com Bagatini (2018) “os números não ficaram no passado e nem o preconceito”. Apesar de Coelho (2003) afirmar que o preconceito dos homens em relação a mulheres no jornalismo esportivo diminuiu, Bagatini traz números que reforçam que o cenário ainda é muito desigual e que a mulher ainda é vista apenas como “rostinho bonitinho” nas redações de esportes brasileira:

“Em 2016, a Gênero e Número avaliou colunas esportivas dos dez jornais de maior circulação dos estados brasileiros e dos líderes de audiência e mostrou que menos de 10% dessas colunas são assinadas por elas”, disse Bagatini em matéria publicada no site do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais.

Porém, a análise obtida mostra que, apesar do programa ter como apresentadora principal uma mulher, elas tem menor tempo de fala comparado aos homens, sendo eles a totalidade de repórteres exibidos – Alice Bastos Neves teve apenas notas cobertas e Kelly Costa nenhuma reportagem -, além de não ter sido exibido nenhuma comentarista mulher, apenas dois homens.

¹² Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/>>. Acesso em 03 de maio de 2019

No primeiro bloco do programa, de 12 minutos e 5 segundos, Alice Bastos Neves teve apenas 3 minutos e 7 segundos de fala; 6 minutos e 20 segundos foram de repórteres homens e 2 minutos e 16 segundos de comentários de homens. Já no segundo bloco, com duração de 4 minutos e 29 segundos, Alice já tem maior tempo de presença, contabilizando 3 minutos e 11 segundos, com reportagem de homem com duração de 1 minuto e 10 segundos.

Por fim, no terceiro e último bloco, com duração de 6 minutos e 9 segundos, Alice teve 2 minutos e 33 segundos, mesmo com a exibição da reportagem sobre o caso com Kelly Costa e a divulgação da campanha #DeixaElaTrabalhar, que visa combater o machismo no jornalismo esportivo. Homens tiveram 2 minutos e 56 segundos.

Conforme Ribeiro (1998), assim como muitas profissões, o jornalismo no Brasil era uma profissão exclusiva para homens, tendo espaço para mulheres apenas quando lhes interessava algum serviço – como servir café, telefonistas, faxineiras – ou interesse na questão estética. A inteligência da mulher sempre foi esnobada e muitas vezes calada perante a sociedade machista do país.

3. Considerações finais

O presente artigo busca, junto com os demais existentes na academia, agregar a pesquisa sobre representação feminina e gênero, utilizando a análise apresentada, para contribuir na pesquisa sobre a representação feminina não só no Globo Esporte, programa alvo da pesquisa, como também no jornalismo esportivo do Brasil. Como falado anteriormente, as faculdades de jornalismo devem ser catalisador dessa mudança, colocando profissionais no mercado desconstruídos da cultura que mulher não entende de esportes tão bem quanto homens.

Quanto mais houver o debate, mais haverá o questionamento do que é certo ou errado. Quanto mais o errado incomodar, mais as pessoas – e os jornalistas – vão querer procurar soluções para mudar a realidade. A presente pesquisa visa reforçar que, apesar de ser um assunto que está cada vez mais presente na mídia, é necessário dar ainda mais visibilidades para os estereótipos, assédios e preconceitos ainda presentes não só no jornalismo esportivo, como também em outras editorias.

Conforme Silva (2010), o jornalista tem participação na construção de realidades.

O papel do jornalista no processo de criação das notícias é, concomitantemente, na construção de realidades é, portanto, fundamental para a compreensão dos valores circulantes em uma sociedade e, mais do que isso, permeia a formação de uma normatividade. (SILVA, 2010, p. 41).

Sendo assim, é dever do jornalismo demonstrar para a sociedade que o lugar da mulher é onde ela quiser e que seu profissionalismo e conhecimentos, em qualquer área, devem ser sempre reconhecidos. Onde ela quiser, deixa ela trabalhar.

Referências bibliográficas

BUITONI, D. H. S. **Mulher de Papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Loyola, 1981.

_____. **Imprensa Feminina**. 2. São Paulo: Ática, 1990.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BAGATINI, O. **As barreiras das mulheres no jornalismo esportivo**. Disponível em: <<http://www.sjpmg.org.br/2018/09/as-barreiras-das-mulheres-no-jornalismo-esportivo/>>. Acesso em: 4 nov. 2018.

COELHO, P. V. **Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2008.

DUARTE, C. L. **Imprensa Feminina e Feminista no Brasil**. São Paulo: Autêntica, 2016.

FREITAS, B. et. al. **“Intrusas” no gramado: Como o ambiente machista ataca mulheres que trabalham com esporte**. Disponível em: <<https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>> Acesso em: 4 nov. 2018.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. São Paulo: Atlas, 2008.

LIMA, J. D. **Os homens insistem em explicar coisas que a escritora Rebecca Solnit já sabe**. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/08/26/Os-homens-insistem-em-explicar-coisas-que-a-escritora-Rebecca-Solnit-ja-sabe>> Acesso em 4 nov. 2017.

RENNER, V. **O Esporte de Salto Alto: Um Estudo de Caso da Inserção da Mulher no Programa Esporte Espetacular**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Pelotas, curso Jornalismo, 2015.

RIBEIRO, J. H. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

ROCHA, P. M. **A Profissionalização no Jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo**. Revista Jurídica Eletrônica UNICOC, número 02, outubro de 2005.

SCOTT, J. W. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”**. Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SILVA, M. V. Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Disponível em:

<<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1>

>. Acesso em: 3 maio. 2010.

UOL; **Mulheres ainda enfrentam machismo velado no futebol.** Disponível em:

<<http://trivela.uol.com.br/mulheres-ainda-enfrentam-machismo-velado-no-futebol/>

>Acesso em: 4 nov. 2011.